

Da Tentação Ancestral ao Surgimento dos Neofascismos: Uma Crítica da Razão Idolátrica para Compreensão do Presente

Cássia Zimmermann Fiedler¹
Roberta da Silva Medina²

Resumo

Se a possibilidade de uma crítica radical vier por um retorno às raízes do estado atual, em que a explosão incessante e latente das crises ressoa como uma realidade abrupta. Asfixia, haverá uma crítica urgente que entende a idolatria como a raiz da atividade em geral das sociedades contemporâneas, precisamente porque vivemos nesta era brilhante de idolatria. Assim, a crítica é oferecida como forma de fazer algo com o que nos acontece, no que diz respeito à nossa situação de vida, investida na determinação da qualidade da atenção plena. A atração de um ídolo, um investimento de significado estúpido ou a composição de algo por meio da pressão questionável da realidade, surge como um viés ancestral na história ocidental - algo desde o início, materializado a partir de escrituras religiosas, ou mesmo por meio de objetos presentes no cotidiano dos sujeitos, e que arrasta seu efeito opaco para o pós-moderno. No entanto, apesar da contradição pela qual surge a idolatria, seu alcance, manipulação e uso são transformados nos tempos modernos, transcendendo maciçamente todas as dimensões de sobrevivência.

Palavras-Chave: Idolatria, Tentação Ancestral, Neofacismos

¹ Mestranda em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS. Graduada em Filosofia pela PUCRS. Graduada em Direito pela PUCRS. Integrante do Grupo de Pesquisa em “Criminologia, Cultura Punitiva e Crítica Filosófica”. E-mail: cassiazfiedler@gmail.com.

² Advogada. Mestranda em Ciências Criminais no Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais da PUCRS. Graduada em Direito. Integrante do Grupo de Pesquisa em “Criminologia, Cultura Punitiva e Crítica Filosófica”. E-mail: robertamedina1995@gmail.com.

A tentação ancestral: considerações iniciais acerca da Idolatria

Se a viabilidade de uma *crítica radical* se dá através do retorno às *raízes*, no atual estado de coisas, em que um incessante e latente desdobramento de *crises* se reverbera como realidade sufocadora, faz-se urgente uma *crítica* que compreenda a *adoração idolátrica* como raiz do funcionamento geral das sociedades contemporâneas, exatamente por vivermos a *era por excelência da idolatria* (SOUZA, 2020, p. 11). Crítica a ser feita, portanto, como forma de fazer algo com o que nos acontece, de habitar a situação (FERNÁNDEZ-SAVATER, 2020), investida na requalificação da qualidade do *despertar*.

A tentação idolátrica, investimento de sentido idiótico ou constituição de algo através problemática pretensão de realidade, surge enquanto uma inclinação ancestral na história ocidental - algo que se apresenta desde os primórdios, materializado a partir de escrituras religiosas, ou até mesmo através de objetos que estão inclusos no cotidiano dos sujeitos, e que arrasta seu efeito opaco até pós-modernidade. Isto é, adorar – idolatrar – é uma tendência que emerge dos corpos e mentes e que, apesar de resistível, é parte da modulação e caracterização dos sujeitos em quadro geral histórico-ético (SOUZA, 2020, p. 26). Contudo, apesar da transversalidade através da qual a idolatria emerge, seu alcance, entranhamento e utilização transfiguram-se em tempos contemporâneos, atravessando massivamente todas as dimensões da existência.

Idolatrar, portanto, consiste em exprimir “o desejo de se sentir existir em outro lugar, de desfrutar à distância de uma existência luminosa, de se sentir *alguém*, através e a partir da adoração daquilo que me domina” (GROS, 2018, p. 61). Ou seja, na produção de algo a ser adorado, pela projeção do *desejo* no Absoluto materializado em objeto, depositado em confiança, idolatria e adoração. Nessa projeção, ao idolatrar algo, o sujeito *adora a si mesmo*. Desse modo, a proliferação de movimentos idolátricos surge como a modalidade privilegiada de resistência à alteridade, visto que a medula de

toda idolatria, representada pela figuração da ideia de *morte* – *Thanatos* – também é assumida nesta recusa da multiplicidade e à diversidade da vida.

Nestas circunstâncias, a petrificação da linguagem, ou seja, *ideias* traduzidas em linguagens simplórias, que se insinuam *magicamente* no mundo da percepção é a grande interdição-não dita, típica de toda idolatria. Aqui, a pista deixada por Flusser, da idolatria como “incapacidade de decifrar os significados da ideia, não obstante a capacidade de lê-la, portanto, adoração da imagem” (2018, p. 23-24) se torna latente. Neste ponto, as imagens, mediações entre o mundo, a realidade mesma, e o homem, se tornam *a própria realidade*; ou seja, tal inversão, chamada por Flusser de “biombo”, ocorre quando o homem passa em viver em função das imagens, vivencia o mundo e a realidade como um conjunto de cenas (SOUZA, 2020, p. 12). Tal processo de projeção suga a vida de onde ela existe, constituindo um sequestro de relação com a realidade, uma forma de Totalização à revelia da facticidade do *real*, na qual a *vida* é transformada em *simulacro de vida* (SOUZA, 2020, p. 12).

Assim, para melhor compreender como a idolatria se articula nas sociedades contemporâneas, é necessário investigar sua racionalidade e suas artimanhas. A “razão vulgar”, disseminada em nossos tempos, é a razão do *indiferente*. Ela oculta a multiplicidade da imanência e a totaliza em imagens secas, aporismo vazios e simbolismos raiquíticos. Se trata de razão idiótica por excelência, visto que espalhasse neutralizando tudo aquilo que conduz o olhar até a diferença e fecha-se em si. Apesar disso, sua coesão com a vida material é baixa e sua volatilidade é estridente. Ou seja, não há razão vulgar sem uma razão mais sofisticada que a sustente, como estrutura de legitimação - “razão ardilosa”, que é exatamente oposta à vulgar, sendo, no entanto, o que permite sua circulação (SOUZA, 2010, p. 107-108). Apesar de recheada de intenções estratégicas, ela nunca aparece crua, expondo-se, como a racionalidade vulgar; é razoável, equilibrada e organizada. Seu objetivo é a imunização frente ao diferente, e assim o faz expressando seu sentido através da chamada “razão vulgar” (SOUZA, 2012, p. 39). Trata-se, em última instância, de uma articulação que traduz uma *razão instrumental* que oferece fôlego para a disseminação pandêmica da idolatria e seus aspectos totalizantes que homogeneí-

zam e violentam o real, sustentando a *violência* e a *vulgaridade do mundo*, necessária para esconder a *verdade*.

Do esmiuçamento do processo idolátrico, da exposição da sua racionalidade, talvez surja a pista que permite melhor compreender por que razão *toleramos o intolerável*, por que o caldo amargo da realidade, a mediocridade da forma de vida capitalista e sua violência constituinte por muitas vezes são incontestavelmente afastadas e ocultadas por promessas vazias de felicidade. Afinal de contas, “as razões para não aceitar mais o estado atual do mundo, seu curso catastrófico, são quase demasiado numerosas” (GROS, 2018, p. 9). O curso atual de desenvolvimento do capital, traduzido hoje nos neofascismos, como se verá adiante, foi capaz de transformar o mundo em um posto avançado do *inferno* para boa parte da humanidade e da vida mesma que o habita (SOUZA, 2020, p. 12), formando um modo de vida insustentável.

Talvez estejamos muito condicionados a (...) um tipo de existência. Se a gente desestabilizar esse padrão, talvez a nossa mente sofra uma espécie de ruptura, como se caíssemos no abismo. Quem disse que a gente não pode cair? Quem disse que a gente já não caiu? (...) Essa configuração mental é mais do que uma ideologia, é uma construção do imaginário coletivo (KRENAK, 2019, p. 57).

Para criar linhas de fuga de tal *magicização da vida*, é necessário um correlato Outro, para além de uma subjetividade na qual o horizonte começa e termina no próprio sujeito. O mundo concebido como suposta Totalidade, por sujeitos estruturados por uma cartografia cultural posta como único mundo possível, segmentados por uma micropolítica puramente reativa, é conduzido indubitavelmente à conservação do *status quo* (ROLNIK, 2018, p. 47). Por encarar o desmoronamento desse estado de coisas como o fim do mundo de si mesmo, como ameaça de autodesagregação, o sujeito se vê interpelado por afetos como medo ou ódio do Outro. A partir de uma *desestabilização*, por não tem como encontrar palavras para apreender o que lhe acontece, consome um tipo de realidade falsa que idealiza como verdade. Isso, precisamente porque a imagem idolátrica não permite *criação*, pois tudo é posto como se estivesse desde sempre criado, pré-constituído, sem possibilidade de alternativa escapatória (SOUZA, 2020, p. 35).



Se, nesse contexto, o pensar é tido como perigoso e a crítica é vista como destrutiva, urge a necessidade de uma *crítica da razão idolátrica*, traçada através de uma espécie de genealogia até seus principais desdobramentos contemporâneos - os *neofascismos* -, que toma corpo através de *escritos micropolíticos*, numa tentativa de conjugação de fluxos afetivos combatentes capazes de constituir outra forma de vida, justamente na possibilidade de se construir relações de outro modo – novas forças desejantes que aderem ao espectro político, em comum esforço investido na desidolatrização dos mitos. Enfim, uma nova concepção política, indispensável para se constituir *novos mundos possíveis*, visto que “é a ligação do desejo com a realidade (e não sua fuga, nas formas da representação) que possui uma força revolucionária” (FOUCAULT, 1977, p. 3-4).

Os fascismos como *modo de vida* e circulação de afetos

A pulsão de morte, expressão de idolatria, de mobilização de forças tanáticas que projetam uma encenação de vida, perpetua-se a partir de dois pilares. Primeiro, pelo desejo de aniquilação do diferente, que transforma toda defesa em ataque, já que não existe defesa que faça frente a aquele que se apresenta e desestabiliza as representações – a não ser sua eliminação. Pelo outro lado, para que exista a possibilidade do teatro se sustentar, é necessário o esvaziamento de qualquer conteúdo, na tentativa de limitar a complexidade do mundo, seus processos vitais em *devir* de multiplicidade; tradução mesma de uma inclinação que busca uma fusão unitária, que se sustenta em uma pureza ilusória, desenrolada através da exclusão, constante e incontrolável (PELBART, 2018). Nesse sentido, *a vida fracassa*.

Pode-se perceber, portanto, os totalitarismos políticos dos séculos XX e XXI como processos de manutenção de lógicas de racionalidade idolátrica, uma vez que “representam simultaneamente um momento extremamente grave de uma determinada situação de reação ao *sentido de realidade* que a realidade (...) suscita em um *corpus* social no qual o pensamento nunca assumiu a posição de maturidade necessária para lidar com o Outro” (SOUZA, 2020, p. 82). Neste ponto, vale lembrar o alerta deixado por Deleuze e Guattari: para além de sua concretização em regimes molares, *o fascismo im-*

plica regimes moleculares (GUATTARI; DELEUZE, 2012, p. 93). Isto é, para além de sua materialização em Estados totalitários, em atenção aos regimes históricos de Hitler e Mussolini, o fascismo é uma *forma de vida*, mobilização de afetos, que se põe a circular permanentemente, através do desejo, da linguagem e do trabalho (FOUCAULT, 1977, p. 3-4).

E não somente o fascismo histórico de Hitler e de Mussolini - que tão bem souberam mobilizar e utilizar o desejo das massas -, mas o fascismo que está em nós todos, que martela nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder; desejar esta coisa que nos domina e nos explora (FOUCAULT, 1977, p. 3-4).

É através desse tipo de abordagem que o Ur-Fascismo (Fascismo Eterno) se coloca. Na leitura de Umberto Eco, o fascismo, mais do que uma ideologia, representa uma mobilização de afetos, um modo de vida, que se estabelecem majoritariamente através da movimentação de pulsões obscuras (AMARAL, 2020, p. 258-264). Dessa maneira, o fascismo, quando se cristaliza em um regime totalitário, se sustenta através de determinada circulação de afetos, através de um modo específico pelo qual se organizará o desejo e mobilizará emoções (SOUZA, 2020, p. 81-89).

Nesta senda, Umberto Eco explicita algumas características micropolíticas cruciais do fascismo, descrevendo-o como aquilo que se apoia, essencialmente, em um medo “natural” daquilo que é diferente, sendo que o primeiro sinal de que um movimento está se transfigurando em uma movimentação fascista é ser obsessivamente contra “intrusos” (ECO, 2016). Quanto a linguagem de captura de massas, para uma movimentação fascista que se solidifica, ela é sempre pobre e cheia de certezas. Vale dizer, que para que o fascismo seja “bem-sucedido”, é necessário não somente a captura das massas, mas sua mobilização. As massas não devem ser apenas submissas, mas ativas, através de diferentes formas de cooperação, visto que o movimento político em si irá favorecer um número reduzido de sujeitos (ADORNO, 2019, p. 88). Dessa maneira, a prontidão para ação transparece enquanto essencial, e poderá ser colocada em prática através da circulação de ideias prontas que compactam a possibilidade de reflexão. (ADORNO, 2019, p. 23). Não existe dúvida ou hesitação, porque não há um verdadeiro



exercício do pensar. Assim, a crítica jamais poderia existir nesse contexto, ela distingue e expõe a vulnerabilidade das expressões autoritárias, que se revelam enquanto desmedradas porque não se conectam a experiência, mas sempre fazem referência a um mundo mágico e sem correspondência material – uma novilíngua por excelência (ORWELL, 2009).

Para mais, outro aspecto que impulsiona regimes fascistas é a frustração, seja ela individual ou social. Existe um apelo constante que os fascismos históricos fazem às classes médias frustradas e desvalorizadas por crises econômicas. Essa característica se interliga a construção de um “inimigo”, que normalmente é forjado dentro desses contextos e delimitado enquanto entidade de extrema força e grandes riquezas e, dessa maneira, ameaça e humilha com sua suposta grandiosidade que, no fundo, seria uma representação concreta do declínio de determinada parcela da sociedade (ECO, 2016). Dessa maneira, o fascismo se fortalece no pânico contra mudanças econômicas e sociais, cooptando pessoas que, por estarem dominadas pelo medo e pela angústia da perda, já se encontram impossibilitadas de avaliar o mundo.

Repita-se: o fascismo precisa, acima de tudo, do apelo constante as mais diversas necessidades emocionais, visto que se trata de um governo que se dá pelo manejo do medo e desejos primitivos irracionais e não pela interpelação do racional (ADORNO, 2019, p. 88). Assim, tal racionalidade persiste justamente pela criação de uma realidade paralela, a qual não subsiste a qualquer tipo de reflexão que não seja complacente com seu delírio auto-referente (SOUZA, 2020, p. 100).

“A idolatria material”: neoliberalismo como metafísica da contemporaneidade

Uma primeira aproximação entre fascismos e capitalismo pode se dar justamente pelo seu *âmag*o em comum: “são, de certo modo, expressões de uma mesma lógi-



ca totalitária: são totalitarismos” (SOUZA, 2020, p. 117), ou seja, expressões da manutenção da racionalidade idolátrica. Contudo, pouco a pouco, o “núcleo mítico” da economia capitalista se faz cada vez mais evidente, *exposto*, especialmente em sua configuração contemporânea, qual seja, o neoliberalismo. Assim, o capitalismo, aqui assumido como movimento econômico-metafísico, é sustentado por uma *falsa suposição*: a de que é possível espalhar riqueza a todos, através do “mito do mercado autorregulado” (SOUZA, 2020, p. 104).

Se torna cada vez mais difícil assumir tal narrativa; bastaria uma dose mínima de *despertar* ao curso amargo da realidade para que tal conjectura caísse por terra. Precisamente porque cada vez mais vive-se uma vida que “só tem sentido se for através de um consumo desenfreado” (GROS, 2018, p. 13); vida suspensa pela ética radical do lucro, do consumo do que não é útil, que escancara o abismo das desigualdades, projetado pelo abuso da vida em sua dimensão vital, porque cada vez mais “a vida é o pouquíssimo que sobra depois que se pagou aos bancos” (GROS, 2018, p. 12). Se evidencia cada vez mais, portanto, como a dimensão idolátrica para a manutenção dessa forma de vida é *crucial*, visto que nenhuma sociedade suportaria os efeitos de um sistema de grosseiras ficções sem uma razão vulgar que a sustentasse (SOUZA, 2020, p. 114).

Assim, as distribuições desiguais de precariedade estão cada vez mais expostas porque há uma profunda transformação e *radicalização* do capitalismo em curso atual, que estende a lógica do capital a todas as relações e a todas as esferas da vida (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 7) - em outras palavras, o neoliberalismo é a expressão da Totalização do mercado em seu modo mais avançado. Quer dizer, cada vez mais o mercado é tido como uma *forma de vida*, uma vez que a mercadoria determina o valor realidade das coisas e das existências (SOUZA, 2020, p. 112), ou seja, a própria *compreensão da realidade* é tida como *multiplicidade infindável de mercadoria*, impondo-se como “cosmovisão capitalista” totalizante (SOUZA, 2020, p. 117), que reduz a sociedade a um único prisma – o da economia.

Importante frisar, aqui, que a atual conjuntura não pode ser entendida como aleatória ou acidental, mas sim transparece enquanto o resultado de uma inclinação an-

cestral que faz parte da essência capitalista enquanto tal (SOUZA, 2020, p. 122-125) - ou seja, o capital se afirma de seus próprios casos, das *crises*, tencionando sua própria expansão ao infinito (LAZZARATO, 2019, p. 35).

Deste modo, a implementação neoliberal como ordem mundial se deu através de relações forças que interligam os mais variados níveis, atravessando os planos nacionais e internacionais. Contudo, longe daquilo que poderia se esperar, não há aqui um cenário no qual o capitalismo encontra-se totalmente desregulado no âmbito estatal, ou seja, não suspende por completo com as regras e leis do “estado de direito”, mas, antes de tudo, transfigura a regulamentação política que emerge de práticas governamentais e políticas institucionais até seu avesso, sendo elas, nesse momento, uma expressão interna de confluências capitalistas (HARDT; NEGRI, 2014, p. 218-222).

[...] o Estado não abandona seu papel na gestão da população, mas sua intervenção não obedece mais aos mesmos imperativos nem aos mesmos motivos. Em vez de “economia do bem-estar”, que dava ênfase à harmonia entre o progresso econômico e a distribuição equitativa dos frutos do crescimento, a nova lógica vê as populações e os indivíduos sob o ângulo mais estreito de sua contribuição e seu custo na competição mundial. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 284).

Para além disso, tendo em vista que não há economia política sem economia libidinal que a suporte, *não há modo de produção que não esteja sustentado em uma certa posição do desejo*, que conserve tal realidade mágica, é preciso atentar às dimensões de subjetivação produzidas pelo novo estágio de desenvolvimento do capital. Ou seja, valer-se também da dimensão produtiva do neoliberalismo, uma vez que este produz certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 16).

Em outras palavras, no neoliberalismo, as energias explosivas, os fluxos de desejos são manejados, conduzidos de determinado modo, para serem transformados em força de trabalho oferecida ao mercado (AMARAL, 2020, p. 88), agora de maneira To-



talizante. A estratégia neoliberal não é “econômica” sem ser ao mesmo tempo subjetiva (LAZZARATO, 2019, p. 31). Assim, as normas de subjetivação por excelência da racionalidade neoliberal são a *concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação* (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 17). Essa norma impõe um universo de competição generalizada, intima os assalariados e as populações a entrar em uma luta econômica uns contra os outros, ordena as relações sociais segundo o modelo de mercado, obriga a justificar desigualdades cada vez mais profundas, muda até o indivíduo, que é instado a conceber a si mesmo e comportar-se como uma empresa (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 16).

Essa dimensão torna-se especialmente fundamental neste contexto porque todos exercícios práticos de transformação de si tendem a jogar o peso da complexidade e da competição exclusivamente sobre o *indivíduo*, uma vez que “se o indivíduo deve ser “aberto”, “síncrono”, “positivo”, empático”, cooperativo”, não é para a felicidade dele, mas sobretudo e em primeiro lugar para obter do “colaborador” o desempenho que se espera dele” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 343-344). A fonte de eficácia, portanto, é individualizada: não pode mais vir de uma autoridade externa. Dessa forma, a coerção econômica e financeira transforma-se em auto coerção e autoculpabilização, já que os sujeitos são os únicos responsáveis por aquilo que lhes acontece (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 345).

Consequentemente, o capitalismo, em sua tendência totalizante e destruidora, *cultiva em seu âmago os horrores potenciais e reais dos fascismos*. O entrelaçamento do capital com os fascismos surge como uma estratégia para o fortalecimento ideológico frente à uma conjuntura na qual o capitalismo apresenta-se em crise. Isto justamente porque, em sua dimensão micropolítica, o neoliberalismo conduz os desejos, mobilizando os afetos dos sujeitos, que, por sua vez, além de experienciar cada vez mais em seus corpos os efeitos da precariedade advinda da expansão do capital, se veem como os únicos responsáveis pelo sofrimento daí resultante. Essas mutações subjetivas provocadas pelo neoliberalismo operam no sentido do egoísmo social, da negação de qualquer solidariedade, que podem desembocar em movimentos neofascistas (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 9), pois essas subjetividades, confrontadas com fragilidades internas e

externas, *são mobilizáveis através de promessas de redenção*, ou seja, tendem a agarrar-se a qualquer promessa de estabilidade e segurança e passam, por isso, a projetar seu mal-estar nas figuras de bode expiatório (ROLNIK, 2018).

A ascensão dos neofascismos: considerações acerca dos “Estados suicidários”

Embora seja um erro reduzir inteiramente o fascismo como um mero recurso invocado pelo capitalismo quando está ameaçado (BRAY, 2019, p. 250), os tempos apocalípticos atuais deixam uma fissura nitidamente aberta: os novos fascismos são a outra face do neoliberalismo (LAZZARATO, 2019, p. 9). Isto é, a lógica do capital não tem a menor dificuldade em legitimar alianças com movimentos fascistas para assegurar seu curso Totalizante em direção ao infinito (LAZZARATO, 2019, p. 35). Tal operacionalidade não é nova, uma vez que há uma constante presença fascista em momentos de tensão do capitalismo, que se apresenta como estrutura de recrudescimento ideológico totalizante em torno ao capitalismo ameaçado (ROLNIK, 2018, p. 96).

Portanto, após quarenta anos da introdução vertical de políticas neoliberais, a modalidade “fascismo histórico” não é mais suficiente para a descrição da organização e violência contrarrevolucionária. Isto é, apesar de ainda ser possível aproximar o antigo e os novos fascismos, através de seus sedimentos compartilhados como a autodestruição e desejos suicidas, em síntese, tendências de morte que os aproximam do capital, ressaltam-se mutações abruptas. Nesse contexto, o Estado surge enquanto agente de grande relevância, visto que é um dos mecanismos que garantem a propriedade, o fluxo do mercado e das empresas.

Deste modo, a crise financeira de 2008 operou uma dupla ruptura “subjetiva” do modelo neoliberal, abrindo uma nova fase de instabilidade que favoreceu a proliferação de afetos fascistas entre a sociedade (LAZZARATO, 2019, p. 52). Em outras palavras, foi preciso uma investida micropolítica para assegurar a da expansão do curso

capitalista, sendo a experiência Chilena a grande perscrutadora nesse processo. “Foi por isso que os *Chicago boys* se precipitaram como abutres sobre a América Latina. Havia uma subjetividade devastada pela repressão militar, cujo proveito político fora estraçalhado e sobre o qual se podia operar livremente” (LAZZARATO, 2019, p. 23).

Neste sentido, a micropolítica dos créditos criou as condições para uma micropolítica fascista (LAZZARATO, 2019, p. 35). A ascensão dos neofascismos, portanto, é resultado de uma máquina política e de uma estratégia que agencia uma micropolítica dos afetos tristes resultantes desse processo (frustração, ódio, inveja, angústia, medo), canalizados neste novo fascismo que dá consistência política às subjetividades devastadas pela financeirização (LAZZARATO, 2019, p. 105). Estas relações de força, portanto, se dão essencialmente através de uma micropolítica reativa, expressada através do medo, ódio e ressentimento, que é canalizada na figura de um bode expiatório, gerando afetos agressivos (ROLNIK, 2018, p. 74). Ou seja, a figura do “homem endividado”, que se sente responsável e culpado por suas dívidas e pelos gastos públicos em geral é investida na produção de uma nova subjetividade, disponível às aventuras neofascistas, racistas, sexistas e aos fundamentalismos identitários (LAZZARATO, 2019, p. 52-53). Assim, os milhões de despossuídos e de pequenos proprietários que veem a possibilidade real de perder o pouco que têm por conta das “loucuras” da bolsa, encontram sua “propriedade” material e espiritual na afirmação idolátrica de “Nação”, da identidade do povo, da soberania (LAZZARATO, 2019, p. 49) como o “um” que é capaz de unir uma massa desorientada (GROS, 2018, p. 62).

Nesse sentido, com a eleição de Trump nos Estados Unidos e de Bolsonaro no Brasil, ocorre a radicalização da onda neofascista (LAZZARATO, 2019, p. 20). Trump, que também pode ser considerado um “fascista ciborgue” ou até mesmo um “ciberfascista”, utiliza todas as tecnologias disponíveis da comunicação digital, de modo que sua “consistência” é indissociável das máquinas técnicas (televisão, internet, twitter), com e pelas quais ele existe como sujeito político (LAZ-

ZARATO, 2019, p. 114). Como presidente, conseguiu dar “voz” e expressão política aos medos e às angústias da população endividada, capturou subjetividades esmagadas por quarenta anos de políticas econômicas que sistematicamente a empobreceu (LAZZARATO, 2019, p. 115), ao passo que consolidou a expressão masculinista, racista e conservadora norte americana com discursos pró armamento e família tradicional, e contra o aborto e políticas de imigração.

De modo muito similar, Bolsonaro representa uma mutação experimentação neoliberal, que inicia no fim da ditadura militar à implementação de uma governança financeirizada do Partido dos Trabalhadores e, a partir da crise de governo desta, cristaliza novas e inéditas modalidades de confronto estratégico (LAZZARATO, 2019, p. 27). No entanto, apesar das semelhanças, tanto discursivas como no modo de atuação, uma vez que Bolsonaro também se utiliza das redes sociais como seu maior veículo de comunicação, o experimento neofascista brasileiro se dá através de uma experiência completa singularidade. Talvez Bolsonaro seja a figura contemporânea que melhor represente a glória da mediocridade, do “homem mediano” de Adorno (BRUM, 2019).

Se quiséssemos lembrar, em menos de um mês de governo Bolsonaro, o Ministro da educação já havia dito que “o marxismo cultural faz mal à saúde”; o Ministro da Casa Civil afirmava que “o risco de uma arma em casa é o mesmo de um liquidificador”; a Ministra da Mulher, Família e dos Direitos Humanos esbravejou que “meninos vestem azul e meninas vestem rosa”. Já a nomeada como Ministra da Agricultura, Agropecuária e Abastecimento, que recebeu doações de um réu por assassinato de líder indígena, tornava-se responsável pela demarcação de terras indígenas e quilombolas. (...) Nem precisaríamos entrar na base parlamentar do novo governo afeita ao BBB: Bíblia, Bala e Boi. Enfim, a diversidade desde o início foi grande e seria quase impossível atualizá-la de forma permanente (AMARAL, 2020, P. 374-375).

Deste modo, a emergência do crescimento econômico possibilitada pelos governos Lula e Dilma, implementadas por uma política de inclusão os mais pobres pelo consumo (MACHADO, 2019, p. 15), fomentou afetos como esperança,

pela materialização da possibilidade de viver uma outra vida às classes mais baixas, historicamente renegadas no Brasil. Isto permitiu certos avanços sociais, por exemplo econômicos, como a possibilidade das classes mais baixas viajarem de avião, e também pela conquista de novos direitos, como a Lei de Cotas Raciais e a Lei que regulamenta o trabalho das empregadas domésticas. Assim, essas fases do desenvolvimento nacional afetam não apenas as condições materiais de existência, mas de igual forma as subjetividades, a capacidade e as formas de compreender o mundo (MACHADO, 2018, p. 54). No entanto, esse sistema não demorou a colapsar, e o modelo neoliberal brasileiro começou a sentir as primeiras ondas de crise, expressões políticas das manifestações de junho de 2013.

Através, portanto, da perda de protagonismo social, que leva à sensação de desmobilização e desestabilização, afetos neofascistas começam a se proliferar. Uma figura central para ilustrar esse processo é, por exemplo, a figura masculina endividada que se vê ameaçada pela ascensão dos poderes econômicos e direitos das mulheres conquistados nos últimos anos, e que se apega, deste modo, aos machismos e conservadorismos como modo de manter certa estabilização no mundo (MACHADO, 2019, p. 119-125).

Para além disso, é preciso assinalar que a lógica neofascista brasileira é difusa: propaga o ódio de forma pulverizada, sendo animada por uma polícia violenta, um movimento religioso fanático e uma elite peculiar que, na teoria, defende o liberalismo, mas na prática ataca para defender seus privilégios (MACHADO, 2019, p. 71). Ela se dá, também, na disputa por regimes de verdade, uma vez que se alimenta de uma gigantesca máquina de *fake news*, materializada em absurdos como o surgimento de “terraplanistas”, daqueles que não acreditam no aquecimento global, da defesa cega à remédios sem comprovação de eficácia para a cura do Coronavírus, enfim, sempre há uma narrativa para que se oculte a *realidade*, numa expressão grotesca de pura idolatria.

Deste modo, o Brasil demonstra cada vez mais como é palco da tentativa de implementação de um *estado suicidário*, um novo estágio no modelo de gestão neoliberal

ral, mas agora em sua face mais cruel, terminal, que caminha em direção à sua própria catástrofe, cultivador de sua própria explosão, numa expressão de flerte contínuo com a morte de maneira generalizada (SAFATLE, 2020). Como linha de fuga, uma vez que sempre há um *resto*, talvez a investida esteja justamente na contraposição dos afetos que possibilitam a efervescência dos fascismos, na dimensão micropolítica: *a insurreição passa por outras formas de viver organizadas desde lugares de subalternidade* (AMARAL, 2020, p. 399). A ativação social dispõe de uma repolitização, no cotidiano das relações de poder que configuram nossos modos de vida, nossas expressões e formas de ver o mundo, pelo embate entre forças ativas e reativas em nossa própria subjetividade. Algo que sempre foi claro e presente na luta dos negros, indígenas, de mulheres, lgbtq+ e outros (AMARAL, 2020, p. 399).

Referências

ADORNO, T. W. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

AMARAL, A. J. *Política da Criminologia*. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020.

BRAY, M. *Antifa: o manual antifascista*. São Paulo, Autonomia Literária, 2019.

BRUM, E. *O homem mediano assume o poder: o que significa transformar o ordinário em “mito” e dar a ele o Governo do país?*. Jornal El País. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/02/opinion/1546450311_448043.html.

DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

ECO, U. *O Fascismo Eterno*. Umberto eco: 14 lições para identificar o neofascismo e o fascismo eterno. OPERAMUNDI. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/samuel/43281/umberto-eco-14-lico-es-para-identificar-o-neofascismo-e-o-fascismo-eterno>.

FERNÁNDEZ-SAVATER, A. *Vivencia y experiencia en la crisis del coronavirus*. Jornal eldiario.es. Disponível em: https://www.eldiario.es/interferencias/vivencia-experiencia-coronavirus_132_1214737.html.

FLUSSER, V. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma filosofia da fotografia*. São Paulo: É Realizações, 2018.

FOUCAULT, M. *Introdução à vida não fascista*. In: G. Deleuze & F. Guattari, *Anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1977.

GROS, F. *Desobedecer*. Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu, 2018.

GUATTARI, F.; DELEUZE, G. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34,

2012.

HARDT; M.; NEGRI, A. *Multidão: guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.

LAZZARATO, M. *Fascismo ou revolução? O neoliberalismo em chave estratégica*. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

MACHADO, R. P. *Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e as possíveis rota de fuga da crise atual*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

ORWELL, G. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PELBART, P. P. *Estamos em guerra*. In: Caixa Pandemia de Cordéis. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

ROLNIK, S. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. N-1 Edições, 2018.

SAFATLE, V. *Bem-vindo ao estado suicidário*. N-1 Edições. Disponível em: <https://n1edicoes.org/004>.

SOUZA, R. T. *Crítica da Razão Idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência*. Porto Alegre: Editora Souk, 2020.

SOUZA, R. T. *O Nervo Exposto: por uma crítica da ideia de razão desde a racionalidade ética*. In: GAUER, R. M. C. (Org.) *Criminologia e sistemas jurídico-penais contemporâneos II*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.